

Newsletter n° 3

Noticia-se regularmente sobre os perturbadores endócrinos. Vez por outra publica-se um estudo que diz respeito ao sangue dos parlamentares ou ao cabelo dos alunos das escolas. As análises revelam, sempre, a presença desses perturbadores no seio de um coquetel composto por algo como trinta poluentes. Os perturbadores endócrinos são moléculas utilizadas em várias situações e produtos da vida cotidiana, notadamente como aditivos nos plásticos dos brinquedos, óculos, botas, couro sintético, embalagens alimentares. Quando migram ao organismo, interferem com o sistema hormonal, ensejando malformações, cânceres, problemas de reprodução. Os retardantes de chamas, as matérias impermeabilizantes, as pinturas, os cosméticos, os pesticidas, contêm igualmente perturbadores endócrinos. À medida que seus efeitos deletérios foram sendo descobertos e que a pressão do público se manifestou, alguns desses perturbadores foram proibidos. Entretanto, trata-se de um combate cada vez mais difícil pois os produtores dessas moléculas contestam sua nocividade e contestam os estudos científicos. A Comissão Europeia, apesar de estar na origem da regulamentação a mais completa do mundo no que diz respeito a produtos químicos - a regra REACH - ainda não conseguiu propor uma definição satisfatória para os perturbadores endócrinos.

Ocorre que esses não são os únicos produtos químicos sobre os quais paira preocupação. A opinião pública se inquieta, a justo título, pelo futuro das abelhas. As colônias registram às vezes até 80% de perdas ao fim da estação. Essa hecatombe tem diversas causas, como a ausência de flores ao longo do ano, os parasitas e predadores, a hibridação, mas também os pesticidas, caso dos neonicotinoides. Trata-se dos inseticidas mais utilizados no mundo, no setor agropecuário, devido à sua potência e persistência. Essas duas características os tornam eminentemente perigosos para os polinizadores, as minhocas, os anfíbios, os pássaros, os morcegos, os peixes. A França é um grande consumidor de pesticidas. Muitos agricultores se dão conta de seus efeitos na saúde, mas trata-se, ainda, de um combate difícil, pois há resistências quanto a limitar o uso desses produtos, não apenas devido à força da indústria química, mas também diante dos hábitos agrícolas.

C ENTRE
I NTERNATIONAL de
D ROIT
C OMPARÉ de l'
E NVIRONNEMENT

Statut consultatif spécial auprès du Conseil économique et social des Nations Unies (ECOSOC)
depuis 2015
www.cidce.org

Em realidade, as economias modernas utilizam um número crescente de produtos químicos, a ponto de haverem-se tornado químico-intensivas, fato que não se reverterá. A cada dia 15.000 novos compostos são agregados à Sociedade Americana de Química (ou seja, uma dezena por minuto). Esse registro continha, ao final do mês de fevereiro de 2017, 120 milhões de produtos. Apesar de contarem-se vários compostos naturais, há inúmeros corpos sintéticos cujo desenvolvimento não será imediato. Ainda assim, cerca de 150.000 dentre esses produtos são inseridos no mercado. Essa proliferação cria diversidades que desafiam a análise: diversidade das famílias químicas e de seus metabólitos; diversidade dos usos, incluindo os intermediários, os medicamentos, os solventes; diversidade de efeitos biológicos, dentre os quais a genotoxicidade, a antibioresistência; diversidade dos impactos sobre a fauna e a flora, dentre os quais a toxicidade, os cânceres, a alteração do sistema imunológico. Todos os continentes são afetados, os animais que vivem nas zonas mais remotas são contaminados por moléculas com efeitos bioacumuladores, as quais penetram toda a cadeia alimentar sem qualquer problema em relação às distâncias que as separam da natureza. E a situação se agrava em razão da demografia e das dificuldades econômicas, que limitam o tratamento dos rejeitos e esgotos. Nesse grau, é impossível ter certeza de todas as consequências sobre a natureza e a saúde, devido a essa quantidade de produtos, quanto mais da mistura entre eles, tampouco do impacto global da poluição química na biosfera.

A química é a ciência da matéria e os químicos se felicitam em nos lembrar que tudo é química, até mesmo o meio natural. É certo que a indústria química nos traz diversos benefícios. Ela poderia contribuir à solução de vários dentre os problemas contemporâneos. Penso, por exemplo, nos trabalhos conduzidos sobre a reciclagem do CO₂ ou sobre a fotossíntese artificial, o que permitiria a redução do efeito estufa. Enquanto isso não ocorre, essa indústria deveria corrigir seus rumos e cessar de prover a humanidade com uma mistura inominável. O progresso não consiste em inventar incessantemente moléculas novas sem que haja uma preocupação em se avaliar os efeitos de sua inserção na natureza, ou no devir dos organismos. Não se pode, tampouco, tirar proveito da menor incerteza que seja, diante das dificuldades para se demonstrar cientificamente os efeitos de novos compostos sobre os organismos vivos, no mundo real. Os progressos da regulamentação, da

C ENTRE
I NTERNATIONAL de
D ROIT
C OMPARÉ de l'
E NVIRONNEMENT

Statut consultatif spécial auprès du Conseil économique et social des Nations Unies (ECOSOC)
depuis 2015
www.cidce.org

comunicação e das técnicas digitais, permitem que se vislumbre, hoje, a possibilidade de compartilhar os conhecimentos sobre os produtos da indústria química. Daí a ideia de um IPCC sobre a poluição química, proposta reiteradamente trazida a lume por científcos e que parece pertinente. Ela merece ser alçada ao cenário internacional, defendida pela diplomacia, com o apoio da opinião pública, e submetida à Assembleia Geral da ONU. Não nos esqueçamos que é o livro da americana Rachel Carson, A Primavera Silenciosa, que lançou a ecologia no mundo, em 1962. Ela não escutava mais o canto dos pássaros, cujos ovos haviam sido destruídos pelo DDT.

Brice Lalonde, ex-Ministro francês do Meio Ambiente, Presidente da Academia da Água

Maio de 2017.